

O povo indígena Palikur e sua identidade étnica na prática pedagógica dos professores não indígenas na Aldeia Kumenê da Amazônia Amapaense¹

The Palikur indigenous people and their ethnic identity in the pedagogical practice of teachers non-indigenous in Aldeia Kumenê da Amazônia Amapaense

El pueblo indígena Palikur y su identidad étnica en la práctica pedagógica de los docentes no indígenas de la Aldeia Kumenê da Amazônia Amapaense

José Adnilton Oliveira Ferreira²
Universidade do Estado do Amapá

Elivaldo Serrão Custodio³
Universidade do Estado do Amapá

Cleuma Roberta de Souza Marinho⁴
Universidade da Amazônia

Resumo: Este artigo apresenta o estudo O povo indígena Palikur e sua identidade étnica na prática pedagógica dos professores não indígenas na Aldeia Kumenê da Amazônia Amapaense, no ensino fundamental II do Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena do Estado do Amapá. A pesquisa qualitativa ancorada no método fenomenológico empírico. Partindo da problemática quais as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores não indígenas no currículo escolar indígena que fortalecem a identidade étnica do povo Palikur? O objetivo geral foi analisar as práticas pedagógicas sobre a identidade étnica do povo indígena Palikur no currículo escolar. O *lôcus* da pesquisa foi a escola indígena na aldeia Kumenê. Os instrumentos de pesquisa: entrevistas narrativas com 3 (três) professores não indígenas, que nos resultados da pesquisa demonstram os entraves para uma educação indígena intercultural, a falta de recursos pedagógicos e didáticos das práticas pedagógicas que contemplem a identidade do povo Palikur e a interculturalidade.

Palavras-chave: Currículo Escolar; Identidade Étnica; Educação Indígena.

Abstract: This article presents the study The Palikur indigenous people and their ethnic identity in the pedagogical practice of teachers non-indigenous in Aldeia Kumenê da Amazônia Amapaense, in elementary school II of the Modular Organization System for Indigenous Education in the State of Amapá. Qualitative research anchored in the empirical phenomenological method. Starting from the problem what are the pedagogical practices developed by non-indigenous teachers in the indigenous school curriculum that strengthen

¹ Sobre os procedimentos éticos, ressalta-se que a pesquisa seguiu todos os protocolos sendo aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Plataforma Brasil) sob o n. 5.270.413.

² Doutor em Educação pela Universidade de Brasília – UnB. Professor Adjunto da UEAP. Macapá – AP (BRASIL). E-mail: joseadnitlon_ap@yahoo.com.br; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2068358243656514>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1732-3300>.

³ Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Amapá – Unifap. Professor Adjunto da UEAP. Macapá – AP (BRASIL). E-mail: elivaldo.custodio@ueap.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8819683729192070>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2947-5347>.

⁴ Mestra em Comunicação, Linguagem e Cultura – Universidade da Amazônia – UNAMA. Secretária de Estado da Educação (SEED), Macapá – AP, (BRASIL). E-mail: cleumamarinho@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4584243301199119>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0837-275X>.

the ethnic identity of the Palikur people? The general objective was to analyze pedagogical practices on the ethnic identity of the Palikur indigenous people in the school curriculum. The locus of the research was the indigenous school in the Kumenê village. The research instruments: narrative interviews with 3 (three) non-indigenous teachers, who in the research results demonstrate the obstacles to intercultural indigenous education, the lack of pedagogical and didactic resources for pedagogical practices that consider the identity of the Palikur people and interculturality.

Keywords: School Curriculum; Ethnic Identity; Indigenous Education.

Resumen: Este artículo presenta el estudio: El pueblo indígena Palikur y su identidad étnica en la práctica pedagógica de los docentes no indígenas de la Aldeia Kumenê da Amazônia Amapaense, en la escuela primaria II del Sistema de Organización Modular de la Educación Indígena en el Estado de Amapá. Investigación cualitativa anclada en el método fenomenológico empírico. Partiendo del problema: ¿cuáles son las prácticas pedagógicas desarrolladas por docentes no indígenas en el currículo escolar indígena que fortalecen la identidad étnica del pueblo Palikur? El objetivo general fue analizar las prácticas pedagógicas sobre la identidad étnica del pueblo indígena Palikur en el currículo escolar. El lugar de la investigación fue la escuela indígena de la aldea Kumenê. Los instrumentos de investigación: entrevistas narrativas a 3 (tres) docentes no indígenas, quienes en los resultados de la investigación demuestran los obstáculos para la educación indígena intercultural, la falta de recursos pedagógicos y didácticos para prácticas pedagógicas que consideren la identidad del pueblo Palikur y la interculturalidad.

Palabras clave: Plan de estudios escolar; Identidad étnica; Educación Indígena.

Recebido em: 09 de agosto de 2024

Aceito em: 24 de outubro de 2024

Introdução

A importância para valorização da identidade e da diferença nas comunidades indígenas perpassa pela construção de currículos na dimensão multicultural em que se valorizem e potencializem as diferentes culturas existentes. Assim, implica-se no estudo da prática curricular na maneira de pensar a educação e os conhecimentos escolares no âmbito dos processos identitários de cultura e de educação.

O problema central de pesquisa: quais as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores não indígenas no currículo escolar indígena que fortalecem a identidade étnica do povo Palikur? A partir desse referencial, desenham-se os percursos teóricos e metodológicos para análise das contribuições/implicações do currículo escolar para a afirmação, ou não, da identidade étnica no contexto da educação escolar indígena, nos limites do campo empírico delineado.

O estudo faz considerações relativas às interlocuções com o método fenomenológico empírico (MFE), assim se refere à fenomenologia: “[...] a fenomenologia pode ser descrita de

forma muito geral como o estudo do modo como as coisas se nos apresentam e da natureza da percepção” (Salih, 2012, p. 35). Essa abordagem procura ver as coisas como se mostram para caracterizar o ser em sua unidade essencial e básica. Com isso, a fenomenologia, enquanto um pensar a realidade de modo rigoroso e não exato, é uma referência importante para a formação de professores (Bueno, 2003b), uma vez que irá à essência do fenômeno educacional.

Pode-se suscitar que os fundamentos e as categorias de análise, sempre com nexos teóricos e reais, quais estes, integram o método fenomenológico. Pode ser entendida, em virtude da construção do ser étnico no currículo da educação indígena, por meio das práticas sociais e culturais no processo escolar, pois se constitui mediante relações de contraste que podem contrapor concepções, valores, intencionalidades, projetos e estratégias.

Entendida aqui, como fenômeno social e cultural, sendo imprescindível o alinhamento do referido enfoque metodológico, para que possibilite o sustento metodológico da pesquisa, com a questão central do estudo, em que o instrumento se torna de reflexão teórico-prática, e pode estar colocado para que a realidade educacional seja compreendida em seus mais diversos e contraditórios aspectos.

A opção pelo método fenomenológico empírico (MFE) como método da pesquisa sugere falar do mundo não como fato, nem como mundo em si, tampouco aquilo que é pensado. “É aquilo que é vivido” (Almeida Júnior, 1997). Entende-se a fenomenologia para a consciência e a corporeidade humana intencional que estão na origem dos sentidos da realidade.

Dessa forma, a ênfase do processo metodológico adotado nesta pesquisa estabeleceu-se através, da investigação na cultura indígena rica e diversificada para entender a amplitude da identidade étnica do povo Palikur, em que a fenomenologia, vislumbra-se a partir do exercício praxiológico permanente, da experiência, imaterial e flexível, (Martins; Bicudo, 1983, p. 11). É nesse foco que o MFE será usado como método que atende aos objetivos definidos neste estudo, e sua aderência na investigação da identidade étnica no caso especificamente do povo indígena Palikur na percepção dos professores que atuam nesse círculo educativo,

Esses casos são representados por meio de falas e de espaços ocupados pelo povo indígena em questão, sujeitos históricos e sociais que ainda são qualificados, considerando a historiografia da educação indígena brasileira, como indivíduos subalternizados e inferiorizados, não considerando nesta perspectiva equivocada seu espectro humano. A luta pela educação indígena assume um duplo papel de resistência a esta perspectiva equivocada do que são e da importância desse povo, que deve e merece ser situado, valorizado e reconhecido em um contexto histórico, social, econômico, político e cultural (Grupioni, 1995, p. 68).

Diante do exposto, esta pesquisa definiu os seguintes objetivos. Geral: Analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas no currículo escolar indígena, do segundo segmento do ensino fundamental, na percepção dos professores não indígenas do Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena (SOMEI), que fortalecem a identidade étnica do povo Palikur, no Estado do Amapá. Específicos: Desvelar e compreender as práticas pedagógicas dos professores não indígenas do SOMEI no currículo escolar produzido e utilizado no ensino modular e a identidade étnica do povo Palikur e identificar, no currículo escolar indígena, como ocorrem os fundamentos teóricos e metodológicos da prática pedagógica dos professores do SOMEI sobre a identidade étnica povo Palikur e as formas como dialogam no ambiente escolar. Dessa forma, este estudo é composto por três seções.

Os Arukwayne ou Palikur, sua identidade e narrativas

Os Arukwaynes são assim chamados pelos indígenas mais antigos e esse termo corresponde a uma transliteração derivada do rio Urukaua. Entretanto, neste estudo, será utilizado o etnônimo mais conhecido Palikur, designado ao povo que vive no Estado do Amapá e na Guiana Francesa. No território brasileiro eles têm suas moradas estabelecidas ao longo do rio Urukaua, situado na bacia do rio Uaçá, região do município do Oiapoque; na Guiana Francesa; eles habitam também bairros das cidades de Caiena e Saint Georges, às margens do rio Oiapoque.

Os Palikur são os únicos procedentes da própria região e os únicos que mantiveram sua língua original. Os Palikur, povo indígena falante da língua arawak, são uma das populações que há mais tempo vivem na região ao norte da foz do Amazonas. Sabe-se disso, porque, já na primeira década do século XVI, documentos de viajantes europeus relatavam a presença de uma numerosa sociedade indígena chamada Paricura, localizada na foz de um grande “mar de águas doces”.

Esta história antiga significa também que os Palikur estão há tempos em contato com os não-índios. Fato este que não se deu sem traumas, pois, até meados do século XX, custou-lhes muitas vidas e a diminuição radical de sua população. Na documentação histórica e em suas narrativas orais, os Palikur são descritos como bravos guerreiros e navegadores, qualidades que, por certo, os ajudaram a sobreviver e estar hoje aqui presentes numa situação de crescente aumento populacional (Nimuendaju, 1926, p. 46).

É grande a variedade de não-índios com quem os Palikur, e as populações indígenas do baixo Oiapoque como um todo, têm mantido algum tipo de relação. Povos que ocupam as Terras Indígenas Uaçá I e II são Galibi-Marworno, Karipuna do Amapá e Palikur. Segundo o CENSO/2011/FUNAI/MACAPÁ, são aproximadamente 4.462 indígenas localizados no

município do Oiapoque, com situação jurídica de terras demarcadas e homologadas, conforme o Decreto n.º. 298 de outubro de 1991 (Tassinari, 2003, p. 93).

Os Palikur são mencionados em relatos de viajantes, em destaque dos alemães, como ocupantes, desde o século XVI, do litoral do Cabo Norte, entre a foz do rio Amazonas e o Cabo Orange, na foz do rio Oiapoque. O povo Palikur compõe um grupo étnico formado por descendentes dos históricos grupos de origens diversas que confluíram para a região, em diferentes épocas habitam as margens do rio Urukauá, na terra indígena Uaçá (Gallois; Grupioni, 2009, p. 14).

O povo indígena Palikur é falante de língua Palikur, de origem da família linguística Aruak. Utilizam também as línguas portuguesa e francesa nas relações sociais e comerciais com outros povos. Sua população atualmente está estimada em 1.409 habitantes, (Censo Polo Base Kumenê – 2015/2016). Outro aspecto do povo Palikur é seu importante crescimento populacional. Números do censo registrado em 1925 sobre os Palikur do Urukauá (Nimuendaju, 1926) apontam que a população total era de 186 pessoas. Já o Censo de 2002 registrou um total de 1011 pessoas (Funai – ADR/Oiapoque). Mas a população Palikur ainda se encontra enfraquecida em decorrência de um passado de guerras, perseguições e epidemias advindas dos contatos com os brancos.

Partindo desse contexto, este artigo buscou investigar os estudos curriculares, nos debates sobre o currículo escolar e os aspectos identitários sobre os processos educacionais em ambientes indígenas. Parte-se da concepção adotada por Silva (2011, p.17), apresentada nas teorias de currículo, que são classificadas a partir de três perspectivas: tradicionais, críticas e pós-críticas. A primeira repousa no positivismo e concebe a educação e a organização do conhecimento (currículo) como processo mecânico e de caráter linear/rígido, que tem por objetivo ajustar os sujeitos ao mundo capitalista.

Dessa forma, teorias críticas fundamentam-se no marxismo. Refutam a ideia de um currículo estático (tradicional), compreendem a escola como espaço dinâmico e social que traz as contradições da sociedade capitalista a partir das seguintes categorias: “Ideologia, reprodução cultural e social, poder, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto e resistência” (Silva, 2011, p. 17).

O marco das teorias pós-crítica está no multiculturalismo, um fenômeno que tem suas raízes nos países mais desenvolvidos quanto a aspectos culturais e econômicos. A ênfase que se busca nas teorias pós-críticas é a luta para ressignificação do currículo em uma perspectiva multicultural para que focalize e reconheça os sujeitos historicamente invisibilizados na sociedade, possibilitando reconhecimento de suas identidades, da significação de suas culturas e saberes pelo currículo. Essa perspectiva, é focalizada por Silva (2000, p. 102) em recente ensaio:

Os estudos de multiculturalismo lidam com a diversidade. Propõe-se, então, a teorizar sobre as concepções de diferença e de identidade, bem como a analisar as implicações dessas concepções para o currículo. seus pontos de vista, que identidade e diferença são interdependentes e que a identidade não é uma essência, não é um dado, não é fixa, nem estável, nem coerente, nem unificada, nem homogênea, nem definitiva, nem idêntica. É, sim, instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. Por fim, identidade e diferença ligam-se a estruturas discursivas, a sistemas de representação e a relações de poder.

A educação escolar na aldeia ocorre apenas em duas escolas, sendo ofertada a Educação Básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio) e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), contando com mais de 600 estudantes regularmente matriculados, procedentes da própria aldeia Kumenê e de alguns estudantes que ficam em aldeias próximas e chegam à escola por meio de canoa e remo.

As escolas na aldeia Kumenê foram construídas em alvenaria e madeira, telhas de amianto e barro, que as distingue dos outros modelos das habitações das demais comunidades indígenas, pois, na maioria das outras aldeias, são construídas somente de madeira e cobertas com cipó e telhado em palha. Ocorre um processo de urbanização singular na aldeia Kumenê, e casas e pontes de madeira que estão às margens do Rio Urukauá, que caracterizam a comunidade indígena, podem ser observadas nas fotos desta comunidade, a seguir:

Figura 1- Imagem das casas e ponte na comunidade indígena Kumenê.



Fonte: Aldeia Palikur de Kumenê | Olhares Cruzados na Diversidade | OSCIP Imagem da Vida (wordpress.com). Acesso em 21/04/2022.

Esse povo é um dos mais antigos entre as populações indígenas que atualmente vivem nessa região, por conta da localização geográfica são excelentes navegadores, únicos representantes da ocupação do grupo Aruak (Capiberibe, 2007). A realidade da educação escolar indígena no Amapá é de abandono e descaso com a maioria das comunidades indígenas, haja vista o poder público não garantir o mínimo necessário para o processo ensino e aprendizagem. Assim, vê-se salas de aulas improvisados para ensinar e estudar, a falta de cadeiras, quadros, merenda, equipamentos pedagógicos, didáticos, colocando a educação indígena em situação de precariedade.

Esse contexto será tratado a seguir, na seção sobre a estrutura física das escolas indígenas do Amapá. Vale lembrar que os Palikur, de acordo com Nimuendaju (1926, s/d, s/da) são constituídos de uma identidade própria. O debate interessa, particularmente, uma vez que, para este artigo, é o único meio de compreender como se dão as relações com o currículo escolar. Dessa forma, é necessária uma imersão na realidade dos Palikur, que não é definitivamente um povo com descendência linear. Para isso, recorre-se à ideia da existência de agrupamentos indígenas (povos, subgrupos, clãs etc.); dados a priori colocam o foco do significado de tais agrupamentos nas relações com a alteridade (Camolesi, 2013).

Ao longo deste estudo, faz-se referência às peculiaridades dos Palikur quanto à organização social e as diferenças contextuais. Como dito acima, os Palikur têm uma língua própria, o Parikwaki, que é falada, em maior ou menor grau, no Brasil e na Guiana francesa, junto com o português, o francês e o créole (patoá proveniente da língua francesa). Como bem diz Manuela Carneiro da Cunha, “[...] a língua de um povo é um sistema simbólico que organiza sua percepção do mundo, e é também um diferenciador por excelência. [...]” (1992, p. 100). Ressalta-se a prática pedagógica dos professores não-indígenas que foram entrevistados na Aldeia Kumenê (Oiapoque) e suas impressões e saberes acerca da realidade social e cultural indígena). Segundo Catherine Walsh (2006, p.11), a identidade étnica é considerada como:

[...] um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade. Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença.

A partir da dimensionalidade da identidade étnica que se mostra na interculturalidade, a referida autora destaca que o reconhecimento das desigualdades sociais, econômicas, políticas e de poder, bem como a dominação a que foram submetidos pelas condições institucionais, são fatores que devem ser encarados e superados nas sociedades indígenas e, nesse caso, na comunidade indígena Palikur.

Contexto da pesquisa

O desafio que compõe o estudo da identidade étnica e do reconhecimento dos aspectos multiculturais no currículo escolar das populações indígenas consiste preponderantemente na formação de espaços escolares pluralizados e multiculturais (Ferreira, 2018). O objeto de estudo desta pesquisa apresentou-se a partir da identidade étnica do povo indígena, o qual deve ser reconhecido nas práticas curriculares e pedagógicas dos ambientes escolares, e ser dado o devido significado histórico, social e cultural. O *locus* de investigação da pesquisa (observação direta), foi na aldeia Kumenê, e foi necessário delimitar as entrevistas narrativas dos sujeitos da pesquisa em consonância com os decretos e protocolos sanitários de proteção aos povos indígenas, para evitar a disseminação de vírus, e seguindo os planos de contingências orientados pelo Ministério da Saúde.

Então, o estudo empírico da pesquisa caracterizou-se nas três (03) entrevistas narrativas aos professores não-indígenas que foram realizadas de forma presencial, com o aceite dos termos de consentimento livre e esclarecido. Foram obtidas as respectivas autorizações para o contato com a aldeia indígena Kumenê, que ocorreu de forma mais restrita em (03) três visitas através de observações ao campo de pesquisa, feitas em alguns momentos na sala de aula, no alojamento dos professores e outros na aldeia devidamente registrados em diário de campo.

Todas as entrevistas narrativas foram gravadas com a autorização dos professores. A gravação, segundo Ludke e André (1986, p. 37), “tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda atenção ao entrevistado”. Por meio da observação, o pesquisador se aproxima mais do objeto, pois observa, in loco, as atividades cotidianas dos sujeitos e procura entender a sua visão de mundo, que se apresenta no significado atribuído à realidade que os cerca (Triviños, 2011). A pesquisa adotou todos os regulamentos, medidas e as normativas que tratam de pesquisa com população indígena, em especial a Resolução do Conselho Nacional de Saúde - CNS 304/2000, que contempla norma complementar para a área de pesquisa em povos indígenas.

Dessa forma, o *locus* da pesquisa foi a Escola Indígena Estadual Moises Iaparrá, onde estudam os alunos do povo Palikur do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Localiza-se na Aldeia Kumenê no Município de Oiapoque, que se encontra na Terra Indígena Uaçá (homologada pelo Decreto 298, publicado no Diário Oficial da União 30.10.91), extremo norte do Estado do Amapá, à margem esquerda do rio Urucawá, em uma ilha de formação geológica

recente, cercada de campos inundáveis, na reserva Uaçá, em Oiapoque. Para se chegar a esse local, foi preciso percorrer os 590 quilômetros de Macapá até o Município do Oiapoque, e navegar de barco ou voadeira pelo menos 10 horas pelo rio Oiapoque, no meio da floresta amazônica, pois essa é uma das mais isoladas comunidades indígenas do Amapá. É a região de maior concentração do povo indígena Palikur.

A vila Kumenê, localizada em Oiapoque na Amazônia Amapaense, que é rica em biodiversidade devido à imensa riqueza animal, vegetal, mineral e humana (diversidade de etnias indígenas e diversidades regionais na formação dos moradores) ali existente. Logo abaixo, há uma vista parcial de uma rua principal da Aldeia Kumenê e casas em Palafitas que são casas construídas acima da água, embora também possam ser construídas sobre terra ou areia, é sustentada por grandes estacas em virtude da cheia do Rio Uaçá, e na outra foto há a ponte binacional que divide a cidade de Oiapoque (Brasil) e Guiana Francesa (França) (Barreiros, 2012, p. 98).

Figura 2 - Rua principal da Aldeia Kumenê



Fonte: Acervo dos Autores, 2022.

As observações da pesquisa, que ocorreu na comunidade Kumenê, mediante algumas visitas, foram registradas em diário de campo, e todas as viagens foram programadas com o Núcleo de Educação Indígena e as entrevistas narrativas com os professores não-indígenas aconteceram de forma gradual, respeitados os protocolos sanitários e cronograma de viagem do NEI, de acordo com a anuência da Secretária de Estado da Educação do Estado do Amapá (SEED/AP).

Como se trata de uma pesquisa abrigada no campo educacional, pode-se argumentar de início, com base em Giorgi (2008), que o objeto de estudo na fenomenologia não pode ser analisado de maneira isolada, nem mesmo sob a ótica única da quantificação, buscando a neutralidade apriorística que a ciência positivista traz como princípio.

O Método Fenomenológico Empírico em Pesquisa Educacional

Inicialmente pode-se entender a “abordagem como pressupostos lógicos, do processo de raciocínio escolhido, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade” (Lakatos, 2001, p.106), podendo ser também pressupostos epistemológicos, gnosiológicos, metodológicos e técnicos envolvidos em uma pesquisa.

Para este estudo, optou-se pelo método fenomenológico empírico em educação como base da investigação, já que se propõe explicar como se processa o conhecimento da realidade e dialoga de acordo com a interrogação da pesquisa sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no currículo escolar indígena, do segundo segmento do ensino fundamental, na percepção dos professores não-indígenas do Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena (SOMEI), que fortalecem a identidade étnica do povo Palikur, no Estado do Amapá.

Primeiramente deve-se explicitar a Fenomenologia, que, na sua história, se inaugura através dos trabalhos de Edmund Husserl (1859–1938), considerado o pai da fenomenologia clássica. Constitui-se uma ciência voltada para o estudo daquilo que se manifesta à consciência intencional (consciência de). Reitera-se a fenomenologia como ciência e método teórico-filosófico rigoroso que visa à reflexão sobre os fenômenos, aquilo que se manifesta, isto é, as experiências vivenciais (Ales Bello, 2004, p. 45).

O trilhar metodológico da fenomenologia predispõe que o pesquisador entre em contato com o conteúdo da vivência pré-reflexiva, deixando de lado paulatinamente tanto o posicionamento prévio de uma ciência e suas teses, como aquilo que define e valora o objeto de estudo, como pré-conceitos ou pré-juízos. Como uma atitude ou conversão fenomenológica, há o esforço de partir sem pré-teóricas ao olhar para o objeto, observando aquilo que é, deixando as coisas mesmas se manifestarem (Husserl, 2006, p. 27).

Conforme Husserl (2006), o termo reflexão alude a "(...) uma designação para atos nos quais o fluxo de vividos é apreensível e analisável de maneira evidente, com todos seus diversos eventos (momentos de vivido, intentionalia)" (p. 171). Logo, essas premissas metodológicas serviram de base para capturar e entender os saberes e experiências indígenas que são processados de diferentes maneiras, principalmente são verbalizados e transmitidos pelos ancestrais na aldeia Kumenê.

Participantes/Sujeitos da Pesquisa

A escolha ocorreu previamente com os 3 (três) professores, a partir dos requisitos do perfil delineado do objeto de estudo: todos pertencentes do quadro efetivo de professores do estado e aprovados em processo seletivo para professores na Educação Indígena no Amapá e norte do Pará (não houve concurso público para o segmento investigado); que não fossem indígenas; ainda deveriam ter atuação/lotação no SOMEI/PALIKUR e atuar no segmento do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da unidade pedagógica do núcleo de educação indígena – NEI, os três professores foram das disciplinas da base comum curricular (matemática, língua portuguesa, história).

Quadro 01- Caracterização dos participantes da pesquisa

Participantes PROFESSORES NÃO INDÍGENAS	Tempo Magistério Com o povo Palikur/Aldeia Kumenê	Experiência na Educação Indígena e Classes Multisseriadas	Formação Licenciatura Intercultural para atuação na EI, caso positivo, mencionar a instituição	Cursos sobre Línguas Indígenas e/ou Capacitação Indígena
Matemática	6 anos	Sim, 11 anos	Não tem	Não tem curso
Língua Portuguesa	14 anos	Sim, 24 anos	UNIFAP	X
História	18 anos	Sim, 24 anos	UVA	X

Fonte: Autores, 2022.

Procedimentos e instrumentos de pesquisa para construção dos dados da pesquisa

a) Entrevistas Narrativas

Adotadas como instrumento na construção dos dados, as entrevistas narrativas permitiram o desvelamento do objeto de estudo, trazendo elementos para a análise do fenômeno investigado. A entrevista narrativa, em meio aos vários tipos de entrevista, entre as quais a semiestruturada é a mais comum, deu-se porque esse tipo de instrumento permite dar voz ao interlocutor, em uma escuta ativa, empática e interessada em manter a interação com o entrevistado, mas sem intervenções diretas que possam prejudicar a fala do sujeito (Schütze, 2011). Foi a singularidade de cada professor e um percurso individual e sua inscrição em um sentido social da experiência que permitiu uma compreensão do fenômeno da identidade étnica do povo Palikur.

Dessa forma, a gravação e a transcrição foram feitas na íntegra das narrativas dos professores não indígenas, e tiveram como objetivo fundamental em que a leitura dos relatos no momento da análise, o esforço necessário para o relato do sujeito condiz com a caracterização do método desde a postura inicial do pesquisador/entrevistador para que esteja sempre atento no momento da entrevista, principalmente, ao relato do sujeito, testemunhando a experiência vivida do outro (Pezzela, 2003, p. 113).

A seguir, os depoimentos são comentados e interpretados, a partir dos significados que se revelam na experiência narrada e como produto das reflexões feitas pelo pesquisador na sua trajetória de prática pedagógica e profissional, quanto as suas percepções da identidade étnica no currículo escolar do povo Palikur e ancoradas em uma ótica existencial da condição humana que estão colocadas nas narrativas dos professores não indígenas.

Assumir uma estratégia qualitativa do método fenomenológico, como a narrativa, significa, antes de tudo, que se adota a existência como um fio condutor teórico e filosófico, compreendida na experiência vivida dos professores não-indígenas.

As entrevistas narrativas seguiram o quadro de orientação descrito por Schütze (1992). Para a marcação, sempre se recomendou aos professores que fosse um local da preferência deles, no caso, (02) dois professores não-indígenas foram entrevistados na Aldeia Kumenê (Oiapoque) e um (01) professor na cidade de Macapá, ou seja, onde ficassem bastante à vontade para fazer os seus relatos de vida, bem como que a data e o horário fossem marcados de maneira que lhes fosse conveniente, a fim de que pudessem estar tranquilos, sem nenhuma preocupação.

Análise dos resultados da pesquisa

Considerando o referencial teórico adotado, aqui considerados como definidas do trabalho mediante os procedimentos e instrumentos para o levantamento das informações da pesquisa, a adoção da questão gerativa de Schütze (1992a) nas entrevistas narrativas que resultam nas categorias finais apresentadas neste tópico ancoradas na fenomenologia (MFE) emergiram da análise dos dados construídos na pesquisa de campo.

A partir dessa estrutura teórica e metodológica apresentada, busca-se refletir ao longo deste estudo sobre as possibilidades e os caminhos do currículo escolar indígena no trabalho pedagógico da identidade étnica do povo Palikur, a partir da percepção dos professores não indígenas do Amapá. A relação com o pressuposto da pesquisa e a questão central do estudo, conforme a análise de dados com o foco no MFE que foi trilhado ao longo da investigação, resultou nas categorias finais alcançadas pela pesquisa e, por conseguinte, tem-se os resultados da mesma.

Formação continuada intercultural indígena

Primeiramente, na análise das narrativas dos professores não indígenas abordou-se a questão gerativa, em que foram destacadas algumas questões pertinentes que ajudaram a compreender as relações constituintes entre os sujeitos da pesquisa e o processo de tornar-se professor da educação indígena. A partir do método fenomenológico empírico (MFE), a construção da identidade do professor tem início no período em que se é estudante, se solidifica depois, na formação inicial, e se estende durante todo o exercício profissional.

Dessa forma, as comunidades indígenas caracterizam-se por uma cultura diversa e, conforme a análise desta primeira categoria de pesquisa, vislumbra, por parte dos professores não indígenas, entender essa cosmologia e trabalhar no processo escolar a identidade étnica indígena, em especial Palikur. Nota-se isso na narrativa da professora de Matemática que enfatiza “aprendemos mais com eles do que ensinamos, é necessário estudar mais sobre essas culturas indígenas”.

A formação continuada no contexto intercultural tornou-se uma reivindicação por parte dos professores não indígenas, que reconhecem suas limitações no trabalho educativo-pedagógico com as culturas indígenas. Portanto, é necessário compreender que os processos próprios de aprendizagem das crianças e dos jovens que frequentam escolas indígenas – no caso do estudo a do povo Palikur – devem estar em consonância com uma gestão que possibilite a construção de projetos pedagógicos com autonomia e especificidade da escola indígena na Aldeia Kumenê. A respeito disso, destaca-se que a gestão e a organização da escola indígena devem considerar.

[...] suas estruturas sociais; suas práticas socioculturais, religiosas e econômicas; suas formas de produção de conhecimento, processos próprios e métodos de ensino-aprendizagem; o uso de materiais didático-pedagógicos produzidos de acordo com o contexto sociocultural de cada povo indígena (Brasil, 2012, p. 8).

Entende-se que a realidade escolar indígena, em que o professor não indígena irá atuar, é complexa, multifacetada e espiritualizada e fundamental. Assim, é necessário que sua formação seja pensada no contexto das cosmologias indígenas, já que essa cultura é permeada pela relação entre os saberes ancestrais de cada povo indígena (no caso o Palikur) e os conhecimentos ocidentais, ou seja, o que ele adquire em cursos superiores (Henriques, 2015).

Defende-se, portanto, que esses conhecimentos possibilitem os estudos sobre os povos indígenas na atualidade, no que tange à legislação, de acordo como o decreto presidencial nº 6861/2009, sobre os Territórios Etnoeducacionais, como também preceituado no Referencial

Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que considerando os dispositivos legais se deve amparar às novas propostas curriculares às escolas indígenas, em que a organização escolar indígena seja realmente protagonizada pelos povos indígenas.

As falas dos entrevistados nos levam a muitas reflexões. Eles alegaram pouco conhecimento e entendimento da cultura e do processo identitário do povo Palikur. Enfatizaram, então, a necessidade de aprofundamento/estudo dessa população indígena, que tem uma rica cultura, principalmente por possuir uma língua própria, filiada à família linguística Aruak (Capiberibe, 2009). Nesse sentido, entende-se que é necessário promover o “[...]o processo formativo intercultural dos professores não indígenas que busque o contexto multicultural da realidade indígena” Rodriguez (Rodriguez, 1998. p. 2). Em relação a essa discussão, tem-se o depoimento do professor, a seguir:

Tive a experiência de lecionar em uma aldeia indígena e ainda tenho meus receios, mas trabalhei tanto para ensino médio quanto para jovens e adultos. A formação não é pensada para lecionar com índios, não é fácil, sua cultura é diferente, e não há interação com eles, confesso que não estudava sobre eles, na verdade temos pouco conhecimento sobre a cultura, necessitando ampliar para interculturalidade, pois a língua materna é um obstáculo, e por este motivo tive muita dificuldade de comunicação” (Professora de História – grifo do Autor).

Evidenciou-se que os respectivos professores não tiveram uma formação específica para atuação na educação indígena, alegando suas limitações e frustrações com o contexto cultural indígena, que deve ser compreendido na sua dimensionalidade e toda sua cosmologia, mesmo em contextos difíceis como os mencionados pelos professores entrevistados. Significados dessas ações mostram-se de forma fidedigna o que foi expresso, mas, também, condizentes aos ideais e intenções do método da pesquisa. Logo, a trajetória da segunda categoria, mediante o trabalho empírico da pesquisa, visa a discussão dos fenômenos sobre essa perspectiva do currículo escolar e as práticas pedagógicas interculturais como forma de desconstruir o modelo ainda de escola colonialista e clientelista para os povos indígenas.

O currículo Intercultural necessário para trabalhar a identidade étnica Palikur nas práticas pedagógicas dos professores

Esta seção constitui-se a partir da oposição e superação ao modelo de currículo colonialista, que historicamente foi projetado para os povos indígenas e ignora suas culturas e cosmovisões. A partir dessa análise, o estudo aponta que esse contexto escolar

tradicionalmente subalternizado deve ser reconhecido como produtor de cultura através de práticas pedagógicas interculturais.

É preciso, então, a partir dessa observação reconhecer a necessidade de transformação dessa realidade, mas, além das aparências, mostra um contexto de reprodução hegemônica que ainda continua sendo submetida a realidade e conseqüentemente a escola indígena no Brasil, por vezes tendencioso e superficial, de que o ensino é pobre e as práticas esvaziadas do contexto intercultural indígena e de suas tradições e cosmologias, demonstra-se na observação direta do diário de campo “segue às normas estabelecidas pelo SOMEI. No que se referem ao planejamento, os professores não indígenas que atuam na escola planejam suas atividades pedagógicas a partir de orientações da equipe Técnica Pedagógica do Núcleo de Educação Indígena (NEI)”. Ou seja, o currículo (SEED/BNCC) está desconectado da realidade da aldeia Kumenê. Como, por exemplo: ainda é adotado o calendário letivo padrão ao modelo nacional de 200 dias e 800 horas, que não respeita a diversidade e especificidades dessas comunidades, como o ciclo de colheita e plantio da mandioca brava, um dos principais alimentos da aldeia, cuja colheita depende do envolvimento de todos nas tarefas. Entende-se em Apple (2011):

[...] o currículo nacional é um mecanismo para o controle político do conhecimento. Uma vez instituído, haverá muito pouca chance de voltar atrás. Ele poderá até sofrer mudanças em função dos conflitos gerados pelo seu conteúdo, mas é justamente em sua instituição que reside sua tática política (Apple, 2011, p. 94).

Colaboram, Silva; Vasconcelos; Casagrande (2016, p. 69):

As fragilidades da Base: ênfase nos processos avaliativos de caráter privatista em larga escala o que resulta na responsabilização dos profissionais pelos resultados alcançados; o caráter padronizador da proposta gera regulação e controle dos processos pedagógicos das instituições de ensino, principalmente as públicas; pulverização da diversidade e a necessidade de promover constantemente processos criativos de currículos nas realidades próprias e específicas do Brasil (Silva; Vasconcelos; Casagrande, 2016, p. 5).

Por isso, a partir do objeto da pesquisa, ou seja, as práticas pedagógicas desenvolvidas no currículo escolar indígena na percepção dos professores não indígenas do SOMEI. É nítido que ainda temos práticas pedagógicas que não fortalecem a identidade étnica do povo Palikur e são percebidas ainda desconectadas da interculturalidade necessária para romper o contexto cristalizado do currículo escolar

homogêneo estabelecido nas comunidades indígenas, mostrando-se em consonância com a padronização e a legitimação de atividades e práticas monoculturais.

A busca de legitimidade marcou o início do processo de desconstrução da identidade cultural das populações indígenas com o envio de missionários religiosos que passaram a agrupar os ameríndios em missões, reduções e aldeamentos, para lhes apresentar a fé católica (Faustino, 2010). Através da catequização foram disseminados os padrões de convivência e os modelos de produção que eram interessantes ao colonizador: “[...] o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva de conhecimento dentro da qual o não-europeu era o passado e desse modo inferior, sempre primitivo” (Quijano, 2005, p. 228).

Dessa forma, historicamente a educação colonial no Brasil foi planejada para os indígenas, seguindo padrões europeus, sem considerar a diversidade dos povos indígenas, seus conhecimentos e suas cosmovisões. É importante considerar que o modelo atual escolar não pode continuar perpetuando o paradigma educacional excludente, eurocêntrico do colonizador. Destaca-se ainda, que este estudo aponta a escola como local de produção e reprodução de cultura, que enfatiza as significações e diferenciações dos processos culturais, e dentro dessa lógica, que devemos desconstruir o currículo colonialista e homogêneo, para construir um currículo que leve em consideração a diversidade e complexidade da realidade educacional brasileira, que pode ser sustentado pela interculturalidade.

Considerações finais

Particularmente, constata-se que é urgente a construção da proposta curricular intercultural que atenda a Educação Indígena, que esteja com base na cultura dos sujeitos indígenas e às especificidades de suas comunidades e não fundamentada num “paradigma dominante, com conhecimentos fragmentados, descontextualizados da realidade indígena, como uma listagem de conteúdo ou numa organização educacional caracteristicamente “urbanocêntrica” (Ferreira, 2018), mas que favoreça a identidade étnica do aluno indígena. Para cumprir com essa demanda, ressaltamos a necessidade de que essa escola localizada na aldeia Kumenê deve ser valorizada enquanto espaço de elaboração/construção cultural e identitária no qual evidencie o processo de valorização dos saberes culturais locais.

Com a realização dessa pesquisa, evidenciou-se que a comunidade indígena Palikur tem sua cosmologia de vida em múltiplos sentidos, e permanece simbioticamente sua relação natural com a floresta, torna-se fenômeno e referência cultural dessa população, é parte

integrante de suas vidas e as crianças aprendem com os mais velhos, e a escola que vive a comunidade indígena no contexto intercultural que compartilha a vida e descreve o rio e a floresta. Essa forma, apesar dos problemas observados, verificou-se que ocorre interesse e vontade por parte dos professores não indígenas para trabalhar a identidade étnica dos alunos do E.F – II na Aldeia Kumenê do povo Palikur. Deve-se esclarecer que a intenção da pesquisa, de forma alguma, coloca a pesquisa com um fim em si mesma, e que se tem inconclusões e interrogações que alimentam o desejo de mudança das práticas monoculturais para às práticas interculturais, e indica que é possível mudar para um projeto coletivo, comunitário, específico e identitário de cada povo indígena, mesmo diante de grande desafio na construção da escola e de um currículo indígena

Ao final desse estudo, conforme o exposto, a cultura indígena mostra-se como aspecto relevante para o processo identitário do povo Palikur, diante do impacto da cultura nas práticas pedagógicas que se estabelecem na realidade escolar indígena. Há necessidade de novas pesquisas para a construção de novos dados e análises decorrentes do que foi possível alcançar com a presente pesquisa que ainda há escassez de estudos nessa área curricular e educacional.

Os resultados desse estudo apontam para a necessidade de que ocorram práticas pedagógicas que fortaleçam a identidade étnica no currículo escolar do povo Palikur na Aldeia Kumenê no município do Oiapoque. Quanto à contribuição da pesquisa, acredita-se que a abordagem das categorias finais apresentadas neste estudo justifica a necessidade do currículo intercultural na educação indígena, para contrapor esses conteúdos que já vêm estabelecidos pela Secretaria Estadual de Educação - SEED e são desenvolvidos nas aulas das escolas indígenas, como saberes socialmente reconhecidos e legitimados pela elite dominante e acabam por negar os saberes oriundos da cultura indígena. Ignora-se os saberes culturais das comunidades indígenas, que são silenciados e não são dignos ou legitimados para serem usados em sala de aula, o que caracteriza uma colonialidade do saber.

Os professores foram unânimes em afirmar que não participam da seleção dos conteúdos e conhecimentos escolares. Estes são denominados pelo sistema educacional como conteúdos que já vêm prontos, listados por ano e divididos nos bimestres, para serem ensinados, independentemente do contexto no qual a escola está inserida, como afirmam os professores não indígenas dos anos finais.

Infelizmente, a partir das narrativas dos professores e as observações do campo, no processo de aprendizagem a maioria das práticas pedagógicas não se relaciona com a realidade cultural que o aluno indígena vive, como é o caso da escola indígena na aldeia Kumenê. Ainda o conteúdo é trabalhado tradicionalmente pela maioria dos professores, em um modelo

conteudista de reprodução no caderno, em que, literalmente, tudo que está no quadro escrito pelo professor é copiado pelo indígena, e o conteúdo é transcrito para o caderno, sem fazer a relação com o cotidiano cultural e social do aluno.

O povo indígena Palikur, na aldeia Kumenê, tem uma rica cosmologia cultural que poderia e deve ser explorada pelos aspectos existentes na região amazônica na escola, valorizando, assim, a realidade dos estudantes indígenas. Infelizmente, o currículo escolar é trazido da cidade e essa forma de ensino e método se encontra como um dos mais arcaicos, que inviabiliza uma prática pedagógica intercultural potencializada para o processo de construção de saberes e experiências culturais. Nesse sentido, no currículo oficial não há espaço para o saber popular oriundo das comunidades indígenas, para que esses alunos pensem de forma comunitária e emancipatória.

Essa forma de exclusão dos saberes locais é o que Mignolo (2010) denomina de Geopolítica do conhecimento, que se refere às relações entre espaço e poder que geram as hierarquias entre os diferentes sistemas de conhecimento, quando relacionadas a espaço, poder e saber. Assim, os indígenas falam da região Norte, Amazônia Amapaense (espaço), onde ainda predomina no imaginário da população de outras regiões do Brasil e de outros países (poder) que esses povos são inferiores, atrasados e ignorantes.

Apointa-se essas configurações problemáticas que estão incutidas nos objetivos desta pesquisa como forma de contribuir e valorizar a produção da identidade étnica do povo indígena Palikur. A discussão sobre o currículo para as escolas indígenas do Amapá não deve negar o cabedal rico e potente dessas culturas, de maneira que a formação continuada no âmbito intercultural com os professores possibilite verdadeiramente o estudo e o aprofundamento dos conhecimentos indígenas, para, assim, superar as visões equivocadas e naturalizadas sobre essa temática.

É fato que se busca no currículo escolar, com todas as suas polissemias, uma imprescindibilidade na sua função e relevância pedagógica, que se impera indispensável à ruptura com o modelo ainda funcional e estático da prática pedagógica, em que não se acompanha a dinamicidade das transformações pelas quais a sociedade vem passando e se reproduzem no contexto escolar, à medida que a escola deve também se modificar e reproduzir essas mudanças.

Comprovou-se na pesquisa a necessidade da implantação de uma nova proposta de um currículo indígena, que conforme os resultados do estudo, que deve ser rico em diversidade e marcado pela produção de novos significados que se faz perceber que este, ao mesmo tempo que traça novos desafios, produz novos discursos e novas possibilidades.

A pesquisa ao pensar e discutir o currículo escolar indígena, vislumbrou às práticas, saberes e a organização social do povo Palikur e da sua urgência na incorporação no currículo escolar eminentemente indígena. Dessa forma, surge um grande desafio pela frente na educação indígena, o compromisso de construir uma escola digna na perspectiva de uma escola indígena específica, diferenciada, intercultural, bilíngue e de qualidade (Brasil, 2012). Dentro da realidade educacional da Amazônia Amapaense Indígena, como ponto de partida para novos rumos na construção e operacionalização do currículo e de uma política de formação intercultural inicial e continuada de professores, em atendimento à educação escolar indígena, que é uma reivindicação antiga dos povos indígenas do Amapá.

Para finalizar este trabalho, espera-se ter possibilitado problematizações, sugestões e contribuições para o processo de construção das práticas pedagógicas dos professores não indígenas para construção/afirmação das identidades étnicas das diferentes populações indígenas do Estado do Amapá. Por conta disso, optou-se por finalizar este texto enfatizando-se que os conhecimentos culturais indígenas sejam as referências curriculares significativas para nortear as aprendizagens escolares, dos alunos indígenas na Aldeia Palikur, ou em qualquer outro cenário onde existam comunidades indígenas

Uma possível conclusão é a urgência de construir uma escola indígena que consiga partir de sua própria cultura a fim de multiplicar e perpetuar seus *ethos* e assim possibilitar a concepção de novos olhares e novas práticas educativas e pedagógicas para os alunos nas escolas indígenas.

Referências

ALES BELLO, A. *Introduction to phenomenology*. Bauru: EDUSC, 2004.

ALMEIDA, J. F. *Departure of the Monsoon*. Diário Popular, São Paulo, 1997. p.2.

APPLE, M. *Ideology and Curriculum*. 3rd ed. São Paulo: Artmed, 2011.

BARRIERS, J.P. *Identity, Territory and Socio-environmental Policies: Case Study of the Karipuna Ethnicity, in Manga Village, in the Municipality of Oiapoque/Amapá*. Master's Thesis. UNIFAP, 2012.

BORGES, L. F. F. *A curriculum for teacher training*. In: VEIGA, I.P.A.; SILVA, E.F. da. *The school has changed. Change teacher training!* 3. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. ch.2, p.35-60.

BRAZIL. *National Education Council*. Resolution CNE/CP 5/2012 of June 22, 2012. Establishes National Curricular Guidelines for Indigenous School Education in Basic Education. Official Gazette of the Union, Brasília, 22 June. 2012.

CAMOLESI, M. R. Haddad. *Indigenous notes and records*. Porto Alegre: Núria Fabris ED. 2013.

CAPIBERIBE, A, CRISTINOI, A; GRENAND, P. *Encyclopédie Palikur*. Orléans: Presses Universitaire d'Orléans, in press, 2009.

CAPIBERIBE, A. *On both banks of the river: alterity and transformations among the Palikur on the Brazil/French Guiana border*. 425 p. Rio de Janeiro, PPGAS-MN/UFRJ. Doctoral thesis – Federal University of Rio de Janeiro, PPGAS/National Museum. Social Anthropology. 2007, 2009.

CUNHA, M. C. *Introduction to an indigenous history*. In: CUNHA, M. C. (Org.). *History of the Indians in Brazil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 9-24.

FAUSTINO, R. C. *Educational processes in Brazil and their projects for civilization and indigenous inclusion*. HISTEDBR Online Magazine, v. 41, p. 188-208, 2008.

FERREIRA, J. A. O. *School Inclusion? Students with high abilities/giftedness in riverside schools in the Amazon*. 2018. 171f. Dissertation (master's in education) – Faculty of Education/Campus Araraquara – University State Paulista – Unesp, São Paulo – SP.

FREIRE, P. *Pedagogy of the oppressed*. 34. ed. Rio de Janeiro: Peace and Land, 1998.

FUNAI/ADR-OIAPOQUE. *Annual Census of Indigenous Populations of Uaçá*. Manuscript. Oiapoque. 2013.

GALLOIS, D. T.; GRUPIONI, L. D. *Indigenous peoples in Amapá and northern Pará: who they are, where they are, how many there are, how they live and what they think*. São Paulo: Institute for Research and Training in Indigenous Education, Indian Museum, Center for Indigenous History and Indigenism at the University of São Paulo, 2009.

GIORGI, A. *About the phenomenological method used as a method of qualitative research in the human sciences: theory, practice and evaluation*. In Various authors, *Qualitative research: epistemological and methodological approaches*. A. Cristina, Trans. Petropolis, RJ: Vozes, 2008, p. 386-409.

GRUPIONI, D. F. *Time and Space in indigenous Guiana*. In: Gallois, D. T. (org.). *Relationship Network in Guyanas*. São Paulo: Association Editorian Humanists/FAPESP, 1995.

HENRIQUES, R. *Indigenous School Education: indigenous sociocultural diversity giving new meaning to school*. Available at: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad3_ed_indi_div_esc.pdf. Accessed on: 23 Nov. 2015.

HUSSERL, E. *Ideas for pure phenomenology and for a phenomenological philosophy*. Aparecida: Ideas & Letras, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentals of scientific methodology*. 4th ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. *Research in education: qualitative approaches*. São Paulo: EPU, 1986.

MIGNOLO, W. D. *Epistemic disobedience: The colonial option and the meaning of identity in politics*. Translated by Ângela Lopes Norte. Cadenas de Letras UFF – Dossier: Literature, Language and Identity, n°. 34, p. 287 – 324, 2010.

NIMUENDAJU, C. *The Palikur Indians and their neighbors*. Manuscript in the translation phase by Thekla Hartmann, NHII/USP, [1926] s/d.

PEZZELA, M. *Content analysis* (2nd ed.). Brasília: Liber Book. 2003.

QUIJANO, A. *Coloniality of power, Eurocentrism and Latin America*. In: LANDER, E. (Org.). *The coloniality of knowledge: Eurocentrism and social sciences. Latin American perspectives*. Colección Sur, Clacso, Buenos Aires – Argentina, September 2005.

SALIH, S. *Judith Butler and Queer theory*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SCHÜTZE, F. *Pressure and guilt: war experiences of a young German soldier and their biographical implications*, Parts 1 and 2, *International Sociology*, 7, 1992a, p. 187-208, 347-67.

SCHÜTZE, F. *Ethnographie und social wissenschaftliche Methoden der Feldforschung. EinemöglichemethodischeOrientierung in der AusbildungundPraxis der sozialenArbeit*. In: Groddeck, Norbert; Schumann, Michael (Ed.). *ModernisierungsozialerArbeitdurchMethodenentwicklungund -reflexion*. Freiburg: 2011, p. 189-298.

SCHÜTZE, F. *Pressure and Guilt: War experiences of a Young German soldier and their biographical implications* (part 1). *International Sociology*, vol. 7, n.2, p. 187-208, 1992.

SILVA, F. T; CASAGRANDE, R. C; VASCONCELOS, L. *The National Common Curricular Base and the teaching of history: teaching reflections*. *Projeção e Docência Magazine*, v. 7, p. 01-14, 2016.

SILVA, T. T. da. *Identity documents*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, T. T. da. *The CV as a fetish*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TASSINARI, A. M. *Public policies and education for and about indigenous people*. Work presented at the 26th Brazilian Anthropology Meeting, held between June 1st and 4th, in Porto Seguro, Bahia, Brazil, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introduction to research in social sciences: qualitative research in education*. São Paulo: Atlas, 2011.

WALSH, C. *Interculturality and coloniality of power: Another thought and positioning from the colonial difference*. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). *The decolonial turn reflects greater epistemic diversity in global capitalism*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Studio's Socials Contemporaneous y Pontificia Universidad Javeriana, Institucion Pansare, 2006.